

O MUSEU PORTUENSE.

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES
E BELLAS LETRAS.

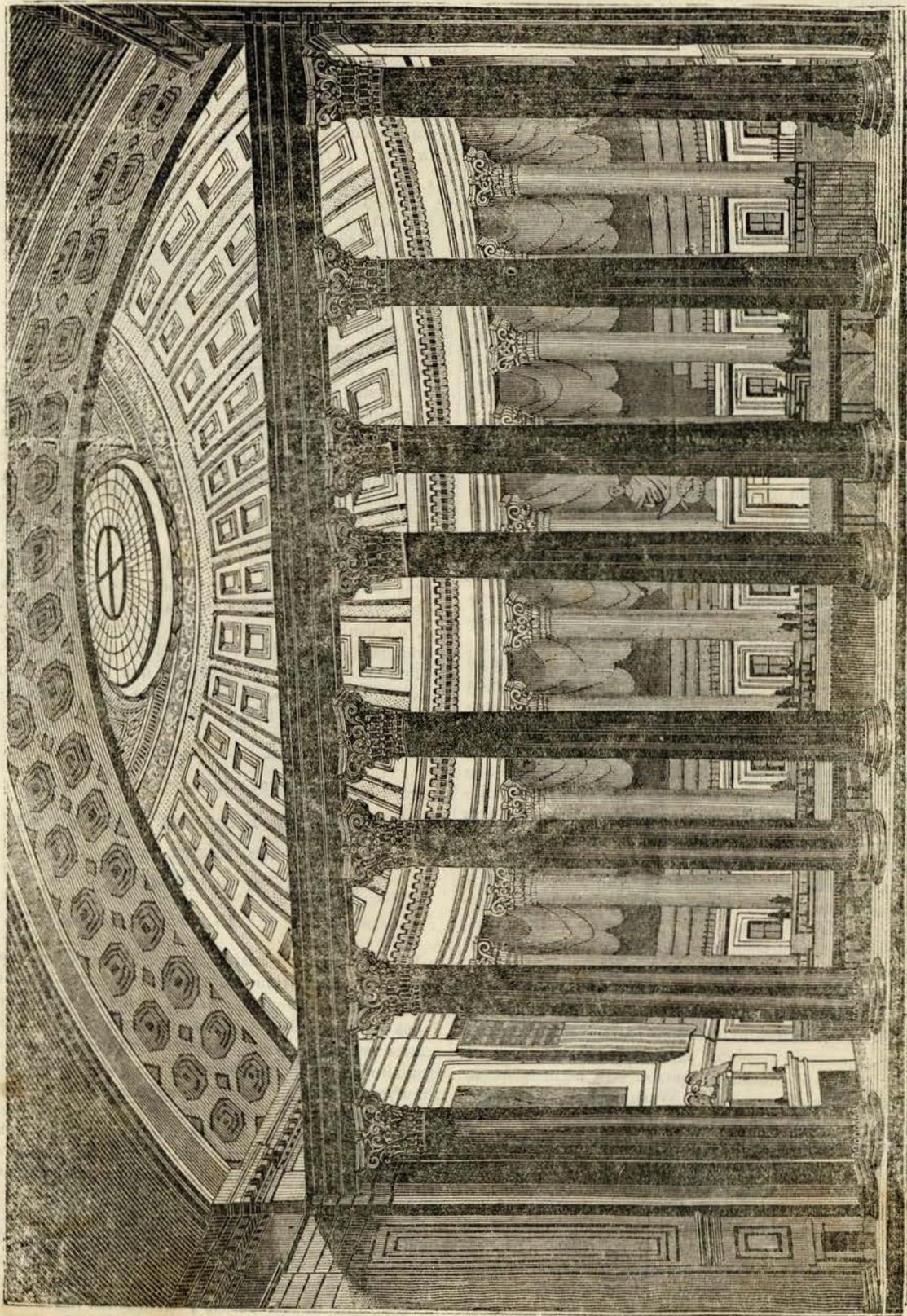
Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade

DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.

N.º 11

1 DE JANEIRO.

1839



CAMARA DOS REPRESENTANTES DOS ESTADOS UNIDOS D'AMERICA.

ESTADOS-UNIDOS DA AMÉRICA.

ESTA poderosa confederação offerece a anomalia geographica d'um immenso paiz sem nome proprio; porque o nome que ella tem convem igualmente ás confederações Mexicana, á da America-Central e á do Rio de la Plata. Por isso Balbi propoz ha bastante tempo o nome de *Confederação Anglo-Americana*, e muitos geographos não tem duvida em conservar provisoriamente este titulo até que o congresso soberano dos mesmos Estados-Unidos tenha a bem dar outro mais proprio.

No anno de 1608 formáron os Inglezes o primeiro estabelecimento em Virginia no rio Ponhatan, que entra na bahia de Potowinac. A *Nova-Inglaterra* dividida hoje em 6 Estados septentrionaes foi povoada em consequencia das perseguições que houve em Inglaterra em materias religiosas. Muitos Puritanos preferirão abandonar sua patria em 1729. Hampden e Cromwell, homens eminentes do seu seculo, chegarão a embarcar para se estabelecerem na America do Norte, porem uma ordem superior, da qual tanto motivo teve depois o governo para se arrependar, os obrigou a desembarcar e ficar em Inglaterra.

Em 1682 Guilherme Penn, homem integro e humano fundou uma colonia de Quakeros, e o paiz onde se estabelecerão recebeu o nome de Pennsylvania.

Todos estes estabelecimentos continuarão progressando sujeitos á Inglaterra. Desde 1756 até 1763 a Florida e o Canada (que hoje ameaça seguir o exemplo das antigas colonias) forão unidas á coroa da Gram-Bretanha.

A revolução Americana, preparada pela distancia e o poder d'aquelles estados, arrebentou alguns annos antes por motivo dos tributos que a Inglaterra quiz que pagassem sem o seu proprio consentimento; e finalmente depois d'alguns annos de guerra, auxiliados pela França, pela Hespanha e Hollanda, conseguirão a sua completa emancipação sendo em 1783 reconhecida a sua independencia.

Esta confederação compoem-se actualmente de 26 Estados, 2 Territorios, 1 Districto Federal, e da immensa Região ou Districto Occidental, ainda pouco conhecido, e não organizado, e que se estende até o Oceano-Pacifico. A cidade capital no Districto Federal é *Washington*, nome que recorda o do illustre general que tanto trabalhou para conseguir a independencia da sua patria, retirando-se para sua casa como simples cidadão quando viu que não havia inimigos para combater.

O governo da Confederação Anglo-Americana é republicano, porem d'uma natureza prudente e temperada. De muito servirão para isso os usos, os costumes, e a educação dos Anglo-Americanos; estavam já preparados antes que tratassem da sua emancipação. Uma prova tão patente como lastimosa do que acabamos de dizer pode-se ver nas republicas Hispano-Americanas. Havendo passado repentinamente do governo absoluto para o republicano, sem estar para isso educado o povo, sem homens de talento e de virtudes como Washington, Madison, Adams, Jefferson, Hamilton, e outros, para dirigir os negocios do estado nas grandes crises d'uma nação, vemos-las passar d'uma revolução espantosa a outra maior, mudando a cada instante a forma da suas constituições, e com o veu do patriotismo erigindo as perseguições em systema, e o poder em monopolio.

A cidade de Washington situada em terreno elevado no angulo que formão os dous braços do Potowinac foi designada para séde do governo em 1800;

ideando-se uma planta para que fosse a metropoli mais esplendida do Novo-Mundo. Deve formar um parallelogramo de 4 milhas de comprimento e duas e meia de largura, cortando-se as ruas em angulos rectos, e as entradas principaes diagonalmente. Infelizmente a maior parte d'este grandioso projecto e idéal; porque os edificios construidos não formão massas unidas, senão separadas por grandes espaços de terreno, supponhamos, seis casas n'um sitio, doze em outro, sem que até agora se possa descobrir a belleza e regularidade da planta projectada. A esperanza de que chegaria a ser uma cidade commercial, e que por esse motivo havia de progressar rapidamente, não se realizou. Alem d'isso na guerra que esta Confederação teve com a Inglaterra em 1814, o general inglez Ross com uma divisão entrou em Washington, demoliu o Capitolio, a casa do Presidente, todas as secretarias do governo, o arsenal e até a ponte no rio Potowinac: "barbaro procedimento, diz M. Murray no seu Tratado de Geografia, ao qual ajuntarão os Inglezes outro verdadeiramente gothico, o de queimar a biblioteca publica."

Os Americanos, depois da paz com a Inglaterra, reedificarão o seu Capitolio, edificio nobre e grandioso situado n'uma elevação, e cheio de magnificencia. Novecentas columnas de marmore se empregarão n'elle, e o custo total calcula-se em seis milhões de cruzados. Neste palacio é onde se juntão o Senado e os Representantes dos 26 estados; a Camara d'estes ultimos é a que representa a estampa no principio d'este artigo. É um sallão esplendido semicircular em forma de anfiteatro de 98 pés de largo, e 44 de alto. Vinte seis columnas de marmore vermelho rodeão o espaço interior. A galleria para o publico, collocada a 22 pés de altura sobre o pavimento, se estende por detras das columnas ao longo do circuito. No centro está a cadeira do Presidente, desde onde saem sete raios, que são como outros tantos caminhos que guião aos assentos dos deputados. Cada membro tem um assento commodo, e adiante de si uma meza com escrivania, e uma gaveta com chave. Um defeito bastante grande tem este sallão, e consiste em que havendo sido construido como a salla d'um theatro, os espectadores só podem ouvir bem ao presidente.

HISTORIA DA SUISSA.

Adelaide de Sargans, Baroneza de Wart.

(Continuado do Num.º 10)

II.

Vivia a triste Adelaide nas solidões d'Ousponne quando o nascimento d'um filho, imagem do seu Rodolpho, lhe veiu animar a existencia. Os cuidados que lhe dedicava, e os que ella recebia d'algumas senhoras, suas visinhas, erão seu unico entretenimento. Distinguia-se entre estas Mathilde de Staufacher, de quem os annos da casa de Sargans fazem muito particular menção, pelos relevantes serviços que prestou á infeliz Adelaide. Habitavão ellas no lindo valle de Frontigue, proximo a Ousponne, e por isso quasi nunca Adelaide estava sem companhia.

Em uma tarde porem estava ella só sentada a uma janella, que dava para o pateo interior do Castello, cantando para adormecer o seu pequeno Rodolpho, e procurando desviar-lhe os ultimos raios do sol, que no seu occaso, dava ainda luz a uma

arreatadora paisagem. Tudo em volta d'ella era silencio e socego. Ouve-se de repente uma corneta á entrada do Castello; abre-se a porta, e entra um cavalleiro armado; mas só ... Adelaide dá um grito ... corre ao seu encontro, e em poucos segundos ei-la nos braços do seu Rodolpho, do seu amado Rodolpho, que ella aperta com amor ... com delirio; pondo-lhe nos braços o seu primogenito, e pedindo-lhe que o abençoe.

Elle, feliz, arrebatado, n'uma voluptuosa e sancta extase, abraça a mãe e o filho, e no meio de tão doces abraços, até se esquece de que a desgraça será d'alli em diante o seu hospede constante.

Passados alguns momentos quer Adelaide contemplar com socego o nobre e bello semblante de seu marido; porem recúa espavorida! ... Que é o que a fez fugir do seu doce bem?

“Rodolpho, (exclama ella) que aconteceu?... O' meu Deus! porque é o seu olhar tão medonho? O' meu amigo, falla ... que foi?...”

O que aconteceu? (diz elle com voz surda e amortecida) o que aconteceu? .. pois tu não o sabes?! ... Foi ... o que era justo ... sangue por sangue ... finalmente ... foi o que devia ser (*).

Adelaide, ainda tremula, repete: “que foi pois?” E seus olhos fogem sem querer de Rodolpho .. não parece o mesmo ... os cabellos erriçados, os olhos ferinos o tornavão hediondo. Adelaide, com o coração apertado por uma mão de ferro, apenas podia chorar.

Entretanto ia anoutecendo, e a inquietação de Rodolpho se augmentava ao ver a base do Castello ja involvida pela sombra. Chama um de seus es-cudeiros, e dá-lhe as mais rigidas ordens. As portas do Castello serão cuidadosamente fechadas; a ponte levantada.

“Para que são taes precauções? (disse Adelaide em voz baixa a Rodolpho, logo que se viu só com elle.) Nós não temos inimigos.”

“Ah! sem duvida, (replicou elle) não tínhamos senão um, quando vivia Alberto; hoje temos todos os que querem vingá-lo.. Acabando de dizer isto, poz-se a rir como um louco.

“Alberto! (exclama Adelaide) O Imperador! é morto? ... e quem ... quem o feriu?..”

A palidez do rosto de Rodolpho augmentou-se com similhante pergunta, e dirigindo se para a porta, sempre calado, Adelaide repetiu sua pergunta com a voz quasi extincta.

“Queres pois sabê-lo, mulher? (gritou elle, levando-a violentamente para o quarto); pois bem... são gloriosos... illustres os nomes dos assassinos... foi João de Suevia... Rodolpho de Bahu... Walter d'Eschenibach... e mais...”

Aqui demorou-se o desgraçado, e com os olhos espantados olhou em volta de si, e correu sua tremula mão pela testa coberta de suor frio.

“E mais?... (disse brandamente Adelaide, procurando aperta-lo nos braços, e respirando mais facilmente por não ver na lista o nome de Rodolpho) e quem mais, meu bem amado?...”

Rodolpho inclina-se ao ouvido d'Adelaide, e diz-lhe uma só palavra; dá ella um grito, e cae palida e fria sobre uma cadeira.

“Agora, Adelaide, (diz Rodolpho lançando-lhe um olhar sinistro, e sahindo rapidamente da sala) sabes o nome, que me deves dar.”

(*) O Imperador Alberto foi assassinado no primeiro de Mayo de 1308, sahindo d'um barco no Reuss, vindo d'um jantar que tinha dado aos mesmos que o assassinario.

Ouvindo a confirmação do que ella mais receava; ouvindo o nome que lhe revelava um futuro só de maldição para seu filho, e toda a sua geração; foi a Baroneza assaltada d'uma febre violentissima, que por muito tempo a privou do uso de razão; e Rodolpho, mortificado unicamente pelo grande perigo em que via a sua Adelaide, chegou a esquecer os remorsos de seu horroroso crime: e a dedicar todos os momentos de sua amargosa existencia ao soccorro de sua moribunda consorte. Não dormia porem a vingança; e rodeada dos mais barbaros tormentos, procurava com ancia a ultima victima que devia ser immolada aos manes do Imperador Alberto. Adelaide, mesmo no seu estado de delirio, soube conhecer esta triste verdade, e teve ainda forças para obrigar Rodolpho a abandonar Ousponne, e a evitar o furor da offendida Iignes. Partiu com effeito em trajes de peregrino, e com todas as cautelas imaginaveis, porque ja se achava banido do Imperio; e seguiu o caminho de Roma, onde esperava encontrar, aos pés do Pontifice, a absolvição de seus crimes, e uma efficaz intercessão para com a sua implacavel perseguidora.

Seguirão-se alguns dias de completo socego no Valle de Frontigue: e Adelaide, tendo agradaveis noticias do foragido Rodolpho, nutriu até esperanças d'um futuro lisongeiro.

Não tardou porem muito tempo que esta paz fosse perturbada. Os esquadrões de Iignes, invadindo países quasi inaccessiveis, vierão procurar Adelaide mesmo no meio de sua solidão: e a Rainha d'Hungria apparecendo em pessoa diante do Castello d'Ousponne, lhe fez intimar a ordem de render-se.

Notavel coincidência! N'esta mesma occasião acabava de ser preso no vestibulo do Vaticano, o desgraçado Rodolpho, a quem a absolvição da igreja não tinha ainda purificado: e entregue aos ministros de Iignes, por elles fôra enviado a Zurich, onde immediatamente seu processo foi instaurado. Recebeu a Rainha esta noticia no momento em que o Castello, privado de soccorros, tinha proposto uma capitulação. Porem, todas as condições forão desprezadas; e os cadaveres dos vassallos fieis da Baroneza de Wart, servirão d'estrado á ferina, e insaciavel Rainha, quando, acompanhada pela destruição, e pela morte, entrou as portas do Castello d'Ousponne. “*Parece-me que caminho sobre rosas*”, dizia esta vingativa mulher aos que a seguião, e que com ella calcavão aos pés o sangue fiel, que sua ferocidade vinha de derramar.

Que tocante espectaculo se offereceu aos olhos d'estes tigres sauguinolentos, ao entrar no vestibulo! A desgraçada Adelaide, palida como a morte, jazia desmaiada junto do berço de seu innocente filhinho. Sua interessante belleza commoveria aos proprios demonios do inferno, mas ... Iignes era mulher ... Iignes tambem era bella...

“Quem é esta mulher?..”, pergunta com altivez a Rainha, apontando para a bella estatua d'alabastro, que jazia por terra.

“E' a Baroneza de Wart.”

“Ah! ... a mulher do regicida? E este menino que dorme junto d'ella?”

“E' o filho unico; é o primogenito d'Adelaide (exclama Mathilde Staufacher, lançando-se aos pés d'Iignes, que ja brutalmente tinha agarrado a innocente creatura, que, accordada intempestivamente, rompêra em desentoados gritos.) O' Senhora! dae-me esse menino.”

A voz do pequeno Rodolpho, chegou ao fundo d'alma d'Adelaide, mesmo no meio do seu desmaio. Ella abre os olhos, e vendo-o nas mãos da real furia; corre, fraca como estava, a salva-lo.

"Meu filho! (grita a desesperada mãe.) Que quereis fazer a meu filho? Oh! meu Deus!... para que o apertaes tanto! Vós o feris! Elle é tam debil! Quereis mata-lo? Ah!..."

"Sim; sem duvida (lhe responde a Rainha); eu vou mata-lo, para que se não torne regicida como seu Pae."

"Oh! meu Deus! (soluçava Adelaide). Tende piedade do meu filho! Que mal vos fez a innocencia?"

"Nenhum, Senhora (responde Iignes com um ar de mofa cruel.) E' por piedade que quero despedaçar esta cabeça de vibora. Ah! Se tivessem feito o mesmo a seu pae, vosso marido, o assassino, o parricida; não estaria elle condemnado a morrer n'um cadafalso no meio dos mais dolorosos tormentos da tortura."

"Rodolpho! um cadafalso! a tortura! Ah! meu filho: meu pobre filho! meu Rodolpho!..." A fadiga lhe não deixou dizer o resto; e a infeliz Adelaide caiu por morta aos pés do seu verdugo. Sua cabeça, batendo contra o pavimento de pedra, salpicou de sangue innocente o faustoso vestido da Rainha, que n'esse momento repudiava a mais bella faculdade da sua natureza — a piedade, e a bondade.

Então um cavalleiro da comitiva da Rainha; separa-se do grupo onde estava, aproxima-se d'ella, tira-lhe o menino das mãos com um ar d'autoridade, que, parecia, não soffrer contestação, e entregando-o a Mathilde, diz á Rainha:

"Muito vos esqueceis, Senhora, de que sois mulher!"

Ella fez-se vermelha, e palida; porem não se atreveu a resistir.

Por uma ordem da Rainha foi Adelaide sepultada na mais profunda, e horrorosa masmorra do Castello d'Ousponne; cujos muros de ferro ella feria com pungentes gemidos. Chamava por seu filho, por seu marido; e no meio do seu continuado delirio, fallava-lhe, e chorava com elles. Cedeu por fim ao cansasso, e caiu moribunda sobre a terra humida; unico leito na sua medonha prisão.

Veiu a Rainha á noute vê-la; *para cumprir*, (dizia ella) *um dever, visitando os seus prisioneiros*: mas, n'esta entrevista do algoz, e da sua victima, não houve senão uma inaudita crueldade, indigna do coração humano. Só palavras de morte soarão aos ouvidos da infeliz Adelaide. Contou-lhe a Rainha o modo como Rodolpho caiu em seu poder; a sentença que tivéra; os tormentos que soffrera; e os que tinha ainda de soffrer. Tudo, até o dia do supplicio, foi revelado pela mulher sem alma, e sem coração, á desgraçada, que jazia a seus pés, e que, parece, tinha recuperado a razão para entender todo o horror de sua situação, e grava-lo em caracteres de fogo na sua imaginação delirante.

"Clemencia! Perdão! Piedade!" Exclamava incessantemente a desventurada Adelaide.

"Tiverão-na elles com meu pae? (dizia a Rainha, furiosa.) Teve-a o vosso Rodolpho, quando com mão parricida procurou com a ponta d'um punhal a alma do infeliz Alberto no fundo do seu coração? (*) Não; não. Eu nunca perdoarei;

e cada gota do precioso sangue de meu pae será paga com torrentes do vosso adorado marido. Perdoar a Rodolpho de Wart? Jamais. Eu só repito. Elle ha-de morrer d'uma terrivel morte; ha-de fundar sua criminosa existencia no meio dos mais infernaes tormentos."

Dito isto; sahiu precipitadamente da prisão, onde ficara como morta a desgraçada Baronesa.

Acabada esta cruel missão, voltou Iignes para Zurich para fazer executar Rodolpho de Wart, e mais sessenta e oito de seus fieis vassallos. Consta da historia que a Rainha assistira, cantando ás execuções todas, sentada n'um throno muito alto, e vestida com todo o apparato real.

Sua mae, viuva do Imperador assassino, foi igualmente cruel na sua vingança. Diz-se que um dia, querendo Frederico Bello, seu filho, suspender a effusão de sangue, que fazia correr o desordenado furor d'estas duas mulheres (*); ella lhe dissera com serenidade; Bem se vê que não contemplaste o mutilado cadaver de teu pae, jazendo a teus pés. Eu nunca perdoarei! Vingança até a eternidade, das gerações dos assassinos.

[Concluir se-ha.]

MAGNIFICA OBRA PUBLICA NA ILHA DA MADEIRA.

N'um sitio no interior da ilha da Madeira, que se denomina o Rabaçal e é consideravelmente elevado sobre o nivel do mar, anda-se trabalhando n'uma grande obra, que não sómente a Portugal, mas a qualquer nação de maiores posses e população faria honra.

Aonde fecha um pequeno valle que mais parece abysmo, levanta-se em semi-circulo de 600 pés de diametro, uma rocha perfeitamente vertical da altura de 1000 pés, que poderemos comparar em fórma á metade interna d'um poço de tirar agua, cortado por uma secção perpendicular ao mesmo.

Dimana desta rocha abundancia da mais crystallina agua; não em torrente, mas em lençol que se descahe pela pedra abaixo, por entre musgo e arvoredos de que grande parte da rocha é forrada — offerecendo desta sorte uma das mais encantadoras e magestosas vistas que a natureza possa appresentar.

Esta agoa até agora inutil no fundo do abysmo onde cahe, tornar-se-hia da maior utilidade na altura de 300 pés acima do fundo. Resolveu-se com effeito encana-la, e para conseguir este fim, praticou-se na rocha uma cortadura, em partes de 20 a 30 palmos para dentro, que acaba na parte superior em meio arco, e que faz com que a agoa encostada sempre á parede da meia abobeda, se vá metter n'uma levada, que d'alli a mais de 2 leguas, vae passar por uma galeria subterranea do comprimento de 150 braças, trabalhada atravez d'um monte elevado.

Como seja inacessivel a rocha onde primeiro se traçou tão atrevida obra, foi preciso para lhe dar começo, que do alto descesse um homem por meio d'uma corda á mencionada altura de 700 pés, e assim seguro, em varias partes brocasse a rocha, carregasse as minas, e lhes desse fogo. Para conseguir sem perigo esta ultima operação, era necessario que quando o homem tivesse 3 minas ou brocas carregadas, e lhes chegasse o fogo, desse immediatamente um balanço, pendurado em sua corda do compri-

(*) "Eu não deixei de ferir, dizia o Barão de Wart senão quando o meu punhal deixou de fazer sahir sangue do corpo do regicida". Singular posição! Tambem, elle era chamado regicida.

(*) Consta que passou de 1200 victimas o numero das offerecidas em holocausto sobre o tumulo d'Alberto d'Austria.

mento de 700 pés, e se fosse segurar d'ali a uma boa distancia em algum ramo até se effectuar a explosão; acabada a qual largava o pouso, e de novo tornava a seu logar e a seu trabalho.

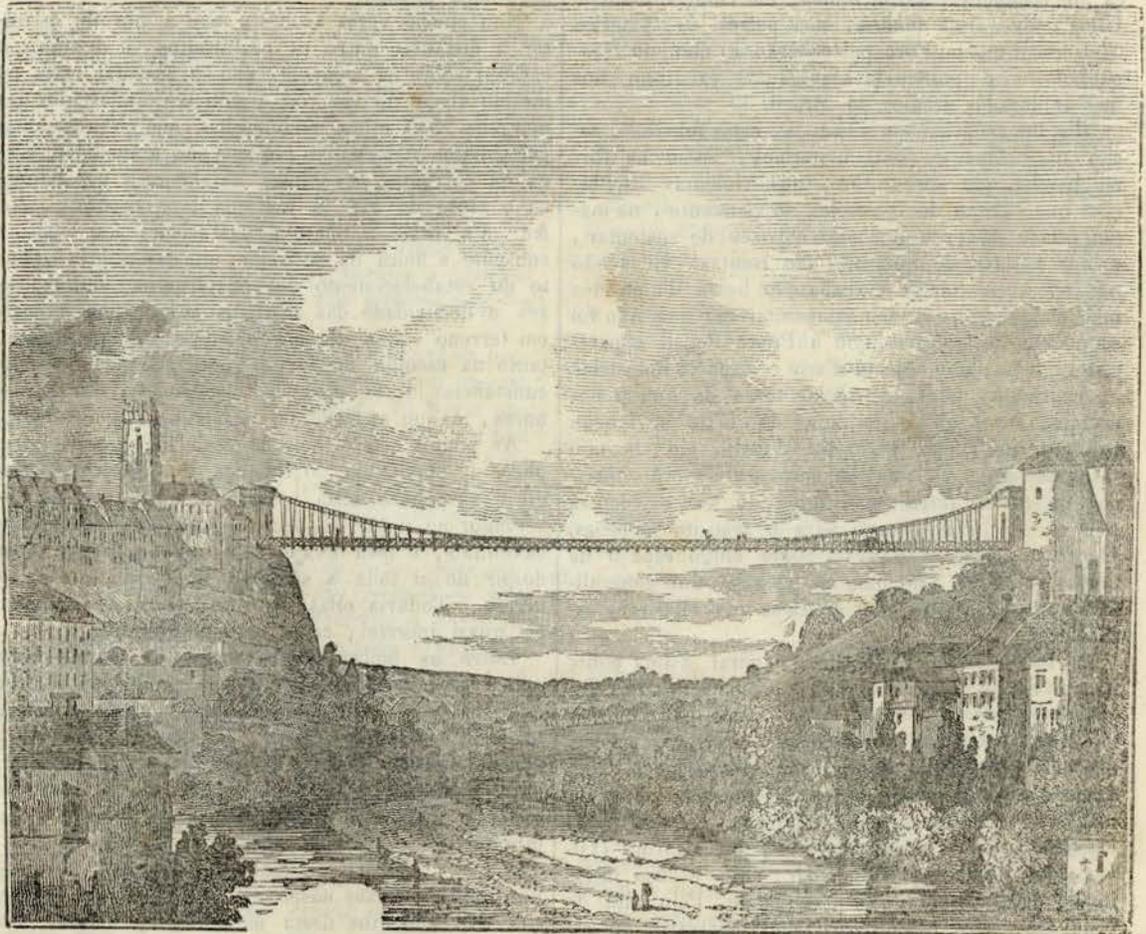
Esta parte da levada, practicada na rocha vertical pelos homens assim pendurados, tem 600 pés d'extensão, e d'ahi por diante (exceptuando alguns logares tambem verticaes e medonhos de passar) corre por um bello caminho feito nas fraldas de continuadas montanhas, e passando pela galeria subterranea para o lado do Sul da Ilha, onde tudo é sêco, irá regar 5 bellas freguezias, que até agora tem estado na maior parte incultas pela falta d'agua.

Tão bem aproveitadas são as nascentes da mencionada rocha vertical, que para baixo da levada, que fica 300 pés acima do fundo do abysmo, não se verá

correr uma gota d'agua, quando d'ahi para cima que são 700 pés, é tudo uma cascata.

Desta obra portentosa — diz-nos uma testemu nha ocular — não se pôde dar nem approximada descripção; e só vendo-se é que se pôde conhecer e admirar sua grandeza. A agua vendida aos lavradores, dará ao Governo, por conta de quem é feita a obra, o rendimento de 2.000.000 annuaes, e alem disso os dizimos do producto do immenso districto que va regar-se. Em poucos annos ficará paga toda a despesa.

Foi esta obra principiada ha 3 annos, ignoramos sob cujos auspicios; é mui provavel que se termine no anno que vem, debaixo da activa inspecção do actual Administrador Geral o Sur. Barão de Lorde, nosso concidadão.



PONTE PENSIL DE FREIBURGO.

SOBRE PONTES PENSIS.

A CONSTRUÇÃO de pontes pensis data necessariamente de tempos mui remotos; porque nos casos em que a elevação de ponte solida seja impracticavel — ou por causa dos poucos recursos que offerece um paiz mal povoado e mal administrado — ou em razão d'uma corrente violentissima que não consente em seu seio pé-direito assente em alicerses — nada mais natural do que o suggerir-se a idéa da comunicação por meio d'um estrada, firmado sobre cordas lançadas de margem a margem; ou — em casos de rios demasiadamente largos — a simples comunicação d'individuo ou fazendas por meio da suspensão d'um assento, movel sobre roldana, ao longo dessa corda.

E com effeito, na China, em Thibet, na In-

dia interior, e em muitos outros paizes — tanto d'antiga como de recente civilisação — encontram-se pontes pensis de vario artificio, e de maior ou menor perfeição. Em algumas partes, uma grossa amarra, formada da reunião de 6 ou 8 cordas mais delgadas, é firmada com toda a segurança em uma e outra margem. Enfiado nesta amarra, della suspenso, e sobre ella movel, existe um moutão, do qual pende um assento da mais singela construcção. Sobre este assento se colloca o passageiro ou a fazenda; e o moutão é condusido para a opposta margem por meio d'uma corda que um ou mais operarios alão. Taes são as pontes pensis da cordilheira do Himalaya em Asia. Quatrocentos a quinhentos palmos de margem a margem — e uma altura de 60 acima do nivel das aguas (contados

do ponto mais baixo da corda bamba) — são deste modo transitados.

Usuaes, e de varias formas, são as pontes pensis no interior da America do Sul; e ora apresentação estructura analoga á que acabamos de descrever, ora se aproximão em desenho das pontes pensis da Europa civilisada. Quatro amarras, collocadas a par com intervallo de palmos, são seguramente fixas em cada margem; sobre estas assentão-se travessões, que se cobrem de rama mais miuda: e desta fórma se arranja um tabolado que tenha a força necessaria para sustentar o peso d'homens e de bestas de carga. Duas cordas, que tambem alcanção de margem a margem, formão balaustros á direita e á esquerda do estrado da ponte; um ripado tosco reúne os balaustros ás duas amarras lateraes e concorre para dar mais segurança ao viandante. Assim lêmos, em Don Antonio de Ulloa, de varias pontes, nos paizes da America Meridional que outr'ora pertencêrão ao dominio Hespanhol — e pontes taes julgamos existirem nos mal explorados sertões do Brazil.

Mas imperfeitissimas são todas estas fabricas, assim na rudeza de seus materiaes, como na fórma bamba que apresentão, nas violentas oscillações que soffrem das passadas do viandante, na mediocridade de pezo que são capazes de sustentar, e nos perigos de que não são isentas. Ellas não nos offerecem senão a realisação bruta d'uma idéa mal elaborada; e podemos assentar em que não foi senão em nossos dias que a Ponte Pensil appareceu perfeita como objecto d'arte e sciencia industrial.

A primeira ponte pensil de ferro de que temos noticia, foi a que pelo anno de 1752 se lançou sobre o rio Tees, perto de Winch, em Durham (Inglaterra). As amarras suspensorias erão torcidas de fio de ferro; e a força de sua estrutura não excedia a necessaria para o transitio de peões. Desde a construcção desta ponte longo espaço de tempo decorreu até que se pensasse em generalisar o uso dos principios praticos que ella veio estabelecer.

A intelligencia da estructura geral d'uma ponte pensil não é cousa de difficil comprehensão. Escolhem-se primeiramente dous pontos convenientes nas duas margens, onde devão assentar os alicerces dos pés-direitos que devem sustentar as duas amarras suspensorias. Estes pés-direitos podem tomar em cada margem, ou a forma de dous maciços elevados e quadrangulares, ou a fórma (talvez mais elegante) d'um arco, cujo espaço intermedio determina a largura da ponte. Pelo alto de cada um destes pés-direitos lança-se atravez do rio para o pé-direito opposto uma fortissima amarra, formada algumas vezes de barras de ferro enganchadas umas nas outras pelas suas extremidades convenientemente trabalhadas — mas com maior frequencia de fio de ferro ou de arame unido em feixes. As extremidades das duas amarras entrão em determinada distancia dos pés-direitos em umas galerias subterraneas inclinadas, no fim das quaes são seguras, ou ao rochedo solido, ou a firmisimos maciços de pedra. Estas duas amarras, estendidas assim em fórma bamba, são destinadas a sustentar todo o pezo do estrado da ponte, e dos objectos que sobre ella transitão. O jogo dellas sobre o alto dos pés-direitos é suavizado por varios inventos; ora é um systema de roldanas em que assentão as amarras, que neste ponto são *desfiadas* em suas cordas componentes menores, e formão (por assim dizer) uma larga superficie plana, que, passadas as roldanas, torna a reunir-se

n'uma só amarra; — ora sobre o alto dos pés-direitos assenta um solido de ferro, por cima do qual passão os fios das amarras, e que movel sobre sua base sem deslocar-se, presta-se á maior ou menor tensão das mesmas.

Em toda a extensão das duas amarras assim lançadas de margem a margem, e em distancias como de 8 em 8 palmos, pendem varões de ferro, que sendo mais compridos junto aos pés-direitos vão de cada lado encurtando até ao centro, de fórma que suas extremidades inferiores ficão no mesmo nivel. Estes varões sustentão os travessões de metal ou de madeira, sobre os quaes assenta o estrado da ponte, que, afóra os passeios lateraes para os peões, é usualmente de madeira, e quasi sempre calçada de pedra. (*) Uma gradaria para guarda, fixa aos varões, remata as precauções de segurança pessoal.

Não poucas vezes acontece que a fim de estreitar a distancia entre os pés-direitos, e diminuir o esforço sobre as amarras, vão-se assentar estes no mesmo alveo do rio, ou algum tanto affastados das margens. São estas modificações que circumstancias particulares determinão; e taes são a mediocre força da corrente, a solidéz de alicerces que offerece o alveo do rio, a extrema largura deste, &c. &c. A's vezes a ponte é das usuaes até onde o consente a fieira da corrente, que determina o ponto do estabelecimento dos pés-direitos; outras vezes a declividade das margens exige uma arcaria em terreno solido até aos pés-direitos. Finalmente, tanto na escolha da fórma geral adequada ás circumstancias locaes, como na construcção dos pormenores, é que se distingue o talento do engenheiro.

As pontes pensis são na realidade gloriosos trophéos da habilidade do homem. Sua apparencia fragil e suspensão aerea realção a admiração do observador ao notar os pezados treas que sobre ellas caminhão; e leva tempo antes que qualquer possa despir de si toda a sensação de receio e idéa de perigo. Todavia ellas tem uma força de resistencia quasi incrível; como exemplificaremos.

Entre as bellas pontes pensis de fio de ferro que ornão a Inglaterra é bem conhecida aquella que em 1825 se acabou de lançar sobre o estreito de *Menai*, que separa, no mar da Irlanda, a ilha d'Anglesea da terra firme: 552 pés inglezes (*) entre pé-direito e pé-direito; 100 pés de elevação sobre o nivel das aguas; altura do topo dos pés-direitos, (em fórma de obeliscos,) sobre as mesmas, 173 pés; largura do estrado da ponte, 30 pés; pezo dos materiaes suspensos 489 toneladas — taes são os elementos desta magnifica estructura. Em 23 de Fevereiro de 1836 sustentou esta ponte todo o esforço d'um horrendo temporal. O vento feria-a perpendicularmente, e parecia *cahir d'alto*; o resultado de sua acção foi o estabelecimento d'onduações que decorrião toda a extensão da ponte,

(*) A pedra artificial denominada "Pedra Asphaltica de Seyssel" é superior á pedra natural para estes usos. Tem andado em circulação um folheto, que vimos tambem copiado no "Tempo", em que se trata com alguma extensão desta composição e de suas utilidades; e julgamos que a companhia que possui as ricas fontes de betume mineral em Seyssel trata de obter um privilegio exclusivo para o fornecimento da Peninsula. Temos ouvido dizer que Portugal abunda nos mineraes que entrão na composição da "pedra asphaltica", e mui util será de certo o estabelecimento d'uma companhia que elabore e aproveite em beneficio seu e da nação esses materiaes primos.

(*) O pé inglez é igual a 11,0834 pollegadas portuguezas. A tonelada ingleza é igual a 69,156 arrobas portuguezas (Veja-se as Taboas no fim da Edicção de Paris, (de 1835) da Arithmetica de Bezout.)

como se ella fôra a superficie do agitado mar. As ondas assim formadas elevavão-se 8 pés acima do nível usual da ponte, e descião outro tanto! Terminou o temporal, que durou 12 horas, e toda a avaria por elle causado não custou 9\$600 réis! Nem foi esta tal que impedisse a immediata passagem de carros carregados.

Desde a época que acima notamos de 1752, não foi senão em 1816 que se começou a generalisar o uso de pontes pensis para peões, e foi isto principalmente na Escocia. A primeira destas pontes que pôde servir a bestas e carros foi a que se vê em Kelso sobre o Tweed, e que foi terminada em 1820. Se quizessemos mencionar todas as que desde então tem sido construidas, seriamos tão extensos como fastidiosos.

Nossos leitores que tem poucas idéas a respeito das pontes modernas não devem confundir as denominações *pontes de ferro*, e *pontes pensis de ferro*. As primeiras não differem das pontes de pedra senão nos materiaes de que seus arcos e seus estrados são formados. Como o ferro é muito mais forte do que a pedra, os arcos e toda a parte superior das *pontes de ferro* são construidos d'uma gradaria de ferro, de tal arte disposta, que ao tempo que offerece toda a solidêz necessaria tambem facilita os reparos pela possibilidade que ha em substituir barra a barra. E em quanto é expressão ponte pensil *de ferro*, será mais exacto omittir a qualificação *de ferro*, porque o material *suspensivo* em muitas pontes não é *ferro* mas sim *arame*.

Não é sómente em Inglaterra que se vêem pontes pensis; a França possui algumas mui elegantes; os Estados-Unidos da America do Norte tem varias; os Estados Ingleses da India Oriental tem algumas, e em 1830 concluiu-se uma sobre o rio *Beose*, junto a *Sagar*, na India Central, em que o ferro era do paiz, e foi trabalhado por naturaes que nunca tinham visto e muito meos fabricado barras das dimensões, e pelos apurados processos, exigidos. Foi feliz experimento dos recursos do paiz.

Julgamos que se trata de substituir a ponte de barcas sobre o Douro, entre esta cidade e Villa Nova de Gaya, por uma ponte pensil, cujo nível será mais elevado que a marca das mais altas cheias. Pouco mais podemos dizer a este respeito, porque (por ora) pouco se tem divulgado. Limitamo-nos por tanto a fazer votos pela realisação de tão util empreza.

E' mui notavel a fôrma de duas pontes pensis sobre o rio *Aire*, junto a *Loeds*, em Inglaterra. O estrado da ponte não é suspenso de amarras metallicas, mas sim de dous immensos arcos de ferro, fundidos em 6 barras, que depois se unirão para abranger toda a largura do rio, e cujas extremidades se estribão no *fundo* dos-pés direitos de pedra. Os dous arcos são conservados em situação parallelle e ligados entre si por travessões de ferro. Os passeios para os peões são collocados da parte de fóra dos arcos; o caminho de carro passa por entre os mesmos. Os arcos da ponte de *Hunslet* abrangem uma largura de rio de 152 pés; a largura do seu estrado é de 38 pés; os arcos da outra ponte, denominada *Monk-bridge* são lançados sobre a largura de 112 pés, e sua propria largura é de 36 pés. A primeira custou 42,000 cruzados; a segunda 48,000.

Não será inoportuno dizermos duas palavras sobre os *caes de desembarque pensis*. São estes de grande importancia naquelles locais em que os navios não podem aproximar-se da praia. A idéa destes é devida a Brown, (célebre engenheiro inglez),

constructor, entre outras das pontes pensis de Kelso, e de Hammersmith; e ao mesmo é devida a construcção do primeiro. No porto de Leith, na Escocia, o ancoradouro seguro dista da praia 700 pés. Brown assentou tres arcos para servirem de pés-direitos em alicerses d'estacaria entre a praia e o ancoradouro; e destes arcos suspendeu 3 lances de ponte pensil. Hoje em dia transitão passageiros, entre a terra e o mar em todo o tempo; e o transporte de fazendas é muito facilitado. Em Brighton, no Canal da Mancha, ha outro similhante caes.

A estampa que precede o artigo que escrevemos, representa a elegante ponte lançada sobre o rio *Sarine*, junto a *Friburgo* na Suissa, e que excede em dimensões a todas as outras pontes de que temos noticia. Sua elevação sobre o nível do rio é de 167 pés; e seu comprimento, de arco d'entrada a arco, 870 pés.

O rio corre por entre um valle profundo. A estrada antiga, dirigida no sentido do abrupto descenso do lado do monte opposto a Friburgo, serpejava as margens do rio que tres vezes atravessava por meio de pontes de madeira, antes de encetar a subida opposta, tão íngreme e perigosa para animaes de tiro como aquella que lhe ficava do outro lado. A estrada nova, através da ponte pensil encurta meia legoa, e é suave e segura.

D'um e d'outro lado da estampa vêem-se os pés-direitos suspensorios em fôrma d'arcos, cuja altura é de 60 pés. As amarras metallicas, que por cima destes passão, são quatro; e formada é cada uma de 15 feixes de 80 fios de ferro cada um. Estes fios não são *torcidos* em amarra; mas extendem-se inteiros de lado a lado da ponte; e os 15 feixes são reunidos em fôrma cylindrica por ligaduras de fio de ferro de tempera mui dura, que os abraça de cada dous em dous pés. As quatro amarras são suspensas em pares; um par para cada um dos lados (direito e esquerdo) da ponte.

As cordas, que suspensas destas amarras sustentão o soalho da ponte, são tambem de fio de ferro; e é cada uma composta de 30 fios de diametro de $\frac{1}{12}$ de pollegada. Por meio d'um gancho duplo abração ellas seu par d'amarras; e por um estribo quadrangular suspendem em sua outra extremidade uma ponta de barrote, cujo outro lado é sustentado por outra corda igual e opposta. Destas cordas ha 163 pares, e por tanto 163 barrotos. Cada uma destas cordas é capaz de sustentar 1200 arrateis; donde se segue que todas ellas, reunidas na estructura que descrevemos, são capazes de sustentarem o pezo de 5000 toneladas, distribuidas com igualdade em toda a extensão do estrado da ponte, cujo proprio pezo deve entrar nesta avaliação.

Sobre os mencionados barrotos são assentes e cavilhadas as vigas em cima das quaes se alastra o tabulado da via da ponte. A guarda dos lados é uma forte gradaria de carvalho.

Ao passar sobre os pés-direitos dos arcos de suspensão, os 15 feixes de cada amarra são *desfiados* para assentarem sobre 3 rollos de ferro, cuja mobilidade tem por fim o regular a tensão das amarras na proporção do pezo que sobre ellas carrega. Depois de passarem estes rollos, (sobre os quaes elles occupão em sua largura uma extensão d'alguns palmos,) os feixes tornão a ser reunidos em amarra, e vão entrar n'uma galeria subterranea, que se estende á distancia de 160 pés dos arcos, até que fica — d'um lado 45 pés abaixo do nível da terra, — e do outro 90 pés. Nesta galeria é cada amarra suspensoria segura a duas menores.

Termina cada mencionada galeria por uma cavidade perpendicular, talhada no solido rochedo, da profundidade de 45 pés. Por estas cavidades, que são 8 em cada extremidade da ponte, descem as amarras para serem seguras em barras de ferro atravessadas em maciços de pedra de cantaria, construídos de modo a tornar impossível ao pezo da ponte o forçar a barra do seu logar.

Como toda a descripção verbal é mais fastidiosa que comprehensivel, e a nós faltão-nos as numerosas gravuras com que no *Penny Magazine* N.º 281, vem tão claro debuxo desta magnifica fabrica, poremos termo a este artigo com algumas palavras sobre o custo, e capacidade de esforço, da obra.

O engenheiro constructor Chadley (Francez) tomou a obra com as seguintes condições:

- 1.º Que se prontificassem o terreno e as entradas para a ponte.
- 2.º Que se lhe entregassem 300,000 francos (Rs. 48,000,000) no decurso da obra
- 3.º Que se lhe concedesse a percepção do imposto sobre os passageiros &.^a que transitassem sobre a ponte, pelo espaço de 40 annos; ficando durante este tempo os reparos por conta d'elle engenheiro.

Debaixo das estipulações deste contracto foi a ponte construída com uma despeza effectiva de Rs. 96,000,000.

As amarras suspensorias são capazes de sustentarem o pézo de 500 toneladas sem prejuizo seu; mas em circumstancias ordinarias nunca o pézo que sobre a ponte se amontoar em homens, cavalgaduras, e carruagens, chegará a ultrapassar 160 toneladas. Poucos dias antes da abertura da ponte para transitto passarão sobre ella 15 peças d'artilleria de grosso calibre completas, 50 cavallos, e 300 homens. Em 19 d'Outubro de 1834 foi ella franqueada ao uso publico, e 2000 pessoas se achão sobre ella ao mesmo tempo.

As grandes dimensões, elegante fórma, e aerea apparencia desta ponte, assim como a bella vista que della se goza, tem-a tornado objecto da frequente visita de viajantes, dos quaes é agora immenso o concurso em Friburgo.

AGRICULTURA.

A AGRICULTURA, diz Marshal, considerada em todos os seus ramos e encarada na sua maior extensão, é o mais importante e difficil objecto, não só da economia rural, mas ainda do circulo das artes e sciencias humanas.

Ou nós a contemplemos como fornecendo-nos os objectos que directamente ministrão ás nossas maiores necessidades, ou a consideremos como mãe da industria e commercio, ou finalmente como base essencial da civilisação e da propagação do genero humano, a sua importancia é obvia.

E' na agricultura que em quasi todas as nações se occupa a maior parte dos seus braços, e é d'ella que saem em grande parte a subsistencia e recursos das mesmas nações; e por esta razão pode ser considerada como a mais geral e importante de todas as artes, e que por conseguinte deveria merecer os primeiros e mais sollicitos cuidados dos governos e dos mesmos povos. Circumstancias porem que agora não trataremos de indagar, tem feito com que um tão importante objecto nem sempre tenha sido tratado com aquella attenção de que era digno.

Já Columella arguiu os Romanos do desprezo, e mesmo abandono, a que tinham deixado chegar

este importantissimo ramo da prosperidade publica, e pela preferencia que davão ao estudo das artes frivolas. Rosier faz igual arguição aos povos do Continente Europeu, e julga applicavel aos seus compatriotas o que Columella muitos seculos antes dizia dos Romanos seus patricios.

A agricultura porem tem tomado entre as nações mais civilizadas da Europa um caracter totalmente differente do que d'antes tinha. De occupação d'esclavos e indigentes passou a ser occupação de classes abastadas e intelligentes; e uma usança cega e sem recursos, foi succedida por uma pratica illustrada acompanhada de grandes meios. O resultado foi a prosperidade geral.

A agricultura principiou na Europa a ser estudada como sciencia no principio do seculo 16. As obras de Olivier de Serres na França, Heresbach na Alemanha, Fitzherbert em Inglaterra, Herrera na Hespanha, Crescensio na Italia, publicadas todas na mesma epocha, excitãrão o estudo, e guiãrão a pratica da agricultura.

A sciencia recebeu um segundo impulso depois da paz geral de Aquisgram: e desde então a maior parte das nações da Europa, como de commun accordo, se entregãrão, segundo Hartz observou, com o maior desvello ao estudo da agricultura, no meio mesmo da confusão geral em que toda a Europa esteve envolvida.

D'esta arte marchou a passos largos no seculo 18 até ao ponto de perfeição em que actualmente a vemos nas nações mais cultas da Europa. Outras porem pouco ou nada avançarão n'este importante ramo de prosperidade; existindo n'ellas a agricultura quasi como na sua primitiva. Taes são a Hungria, Polonia, parte da Russia, Hespanha, e o nosso fertilissimo mas desgraçado Portugal.

Quizeramos poder entrar na analyse do estado da agricultura entre nós, e mostrar o atraso em que a temos, comparando-a com a das nações mais civilizadas da Europa, taes como a Alemanha, Inglaterra e França: mas alem d'isso nos levar inteiramente fora do nosso plano, a tarefa nos seria penosa pelo doloroso quadro que teriamos de apresentar em nosso desabono. E devemos accrescentar que quando emprehendemos escrever este artigo, não tivemos em vista escrever um tratado de agricultura. Quem quizer profundar a materia, consultando as obras de Loudon, Phair, Rosier, Espinosa, Boutelon &c. &c. colherá quanto n'ella ha de importante, muito alem de tudo quanto nossas forças nos permitirão dizer-lhes quando mesmo tivéssemos mais espaço do que nos é permitido.

O nosso objecto não é tanto instruir, como chamar a attenção publica, e com particularidade a dos nossos grandes Proprietarios, a um objecto em que tanto interessão; e induzi-los a adoptar aquelles melhoramentos em agricultura, de que tanta vantagem tem tirado os Proprietarios e as Nações onde tem sido adoptados.

Pondo portanto de parte toda a ostentação inutil de sciencia, passaremos ao principal objecto d'este artigo, que é fazer conhecer varios instrumentos de Lavoura adoptados em França e Inglaterra, alguns dos quaes ja se achão introduzidos entre nós, e segundo nos consta, com reconhecida vantagem.

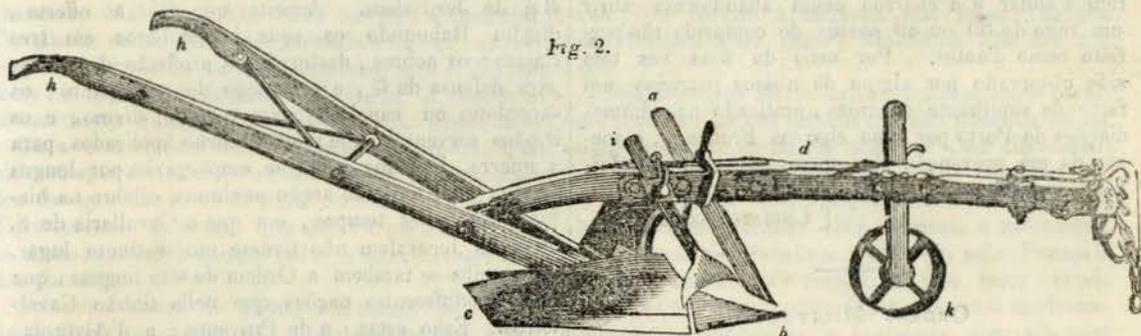
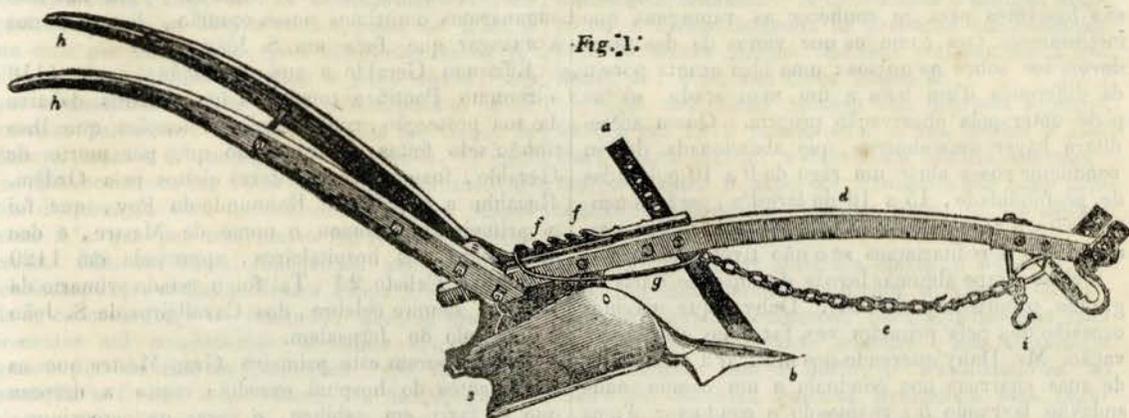
Sabemos que mais que um de nossos Patricios se estão esforçando com louvavel zelo pelo aperfeiçoamento da agricultura, tanto quanto em suas forças cabe; igualmente nos consta que pela Alfandega do Porto entrarão para este fim charruas, arados, e outras machinas.

Sabemos mais que estes instrumentos agrarios

tivêrão de pagar os severos direitos que as pautas lhes impoem; e admira-nos como tão improvidentes fossem neste ponto nossos legisladores, que quizessem estabelecer entraves aos melhoramentos de uma arte industrial que todos reconhecem achar-se em extraordinario atrasamento.

Esperamos com tudo que taes entraves não sufocarão tão meritorios esforços, e chamamos a attenção das Comissões estabelecidas para o melho-

ramento das Pautas, e de nossos representantes em Côrtes á necessidade urgente que ha em alliviar de direitos todas aquellas especies de machinas que, imperfeitissimas entre nós, só poderão melhorar-se pela introdução e geral divulgação das mais perfectas construcções estrangeiras. Obrar de modo diverso é contradição manifesta com aquelles mesmos principios que presidirão ao estabelecimento das Pautas.



O Instrumento representa lo na fig. 1.^a he o arado commum d'Inglaterra. O seu timão (*d*) é de pau, (em alguns arados é de ferro); tem de comprimento 6 pés. O socco ou dente está fixo quasi paralelo ao timão, por duas travessas, e fica distante d'elle dous palmos. Na extremidade do socco está uma chapa de ferro triangular, um dos lados da qual faz continuação com o lado esquerdo do socco, e o outro se aparta para fora toda a abertura do angulo do vertice.

Ao lado direito está fixa uma aiveca (*o*) a qual principia na base do ferro, une-se á travessa dianteira e faz com o socco pelo lado inferior um angulo de 8.^o a 10.^o revirando para fora a metade superior com particularidade proxima á extremidade posterior. Esta peça pode ser de pau; neste caso representa ser de ferro.

(*a*) é a sega que pode ser elevada ou abaixada á vontade.

Este arado assim como todos os arados aperfeiçoados, não é puxado pelo timão como entre nós, nem a profundidade do trabalho é regulada; pela maior ou menor abertura do socco com o timão porque como já dissemos esta he invariavel. A Cadeia (*e*) serve para a tiragem, tem n'uma das extremidades o gancho (*i*) onde se prendem os tirantes, e na outra uma argola (*g*): é pela differente posição que toma esta argola nos dentes (*f*) que se

regula a profundidade. O dente ou socco entrará mais na terra todas as vezes que a argola s'avançar e vice-versa. A travessa denticulada que existe na extremidade anterior do timão serve não só para regular a profundidade, mas tambem a direcção do arado, segurando a cadeia mais a um ou d'outro lado; (*hh*) são duas rabiças que servem para conduzir o arado.

A Fig. 2.^a representa um arado que não differe essencialmente do 1.^o senão em ter uma roda de ferro (*l*) para melhor regularidade do trabalho, e uma meia lua de ferro um pouco atraz da sega por meio da qual a herva é facilmente arrancada, e lançada ao rego.

A maneira de lavrar com estes arados, por isso mesmo que elles tem uma só aiveca e esta fixa, não é exactamente similhante á de que usamos com os nossos. Os regos não são abertos todos seguidamente avançando para hum lado, mas sim alternados caminhando para lados oppostos, do modo que vamos dizer. Abre-se o 1.^o rego voltando-se a leiva para o lado direito; o segundo é aberto a 8 ou 10 passos de distancia paralelo ao 1.^o e principando do lado opposto, ficando assim a leiva voltada para o lado contrario da primeira. O 3.^o é aberto proximo ao 1.^o pelo lado esquerdo, caindo assim no 1.^o rego a leiva do 3.^o; o 4.^o abre-se do mesmo modo pelo lado esquerdo do 2.^o caindo n'este a lei-

va novamente levantada; o 5.º é aberto ao lado do 3.º e assim por diante. A lavoura pode ser principiada em um rego no meio, e caminhar abrindo os regos para os lados: ou, como no caso que acabamos de figurar, principiar nas extremidades e acabar no centro em um rego. Esta maneira de trabalhar que á primeira vista parece mais complicada que a nossa, concorre mais do que se pode imaginar não só para a perfeição do trabalho mas ainda para a sua rapidez.

Poucos conhecimentos sobre a theoria dos arados são bastantes para se conhecer as vantagens que instrumentos taes como os que vimos de descrever devem ter sobre os nossos: uma idea exacta porem da differença d'um bom a um mau arado só se pode obter pela observação propria. Quem acreditará haver uma charrua, que abandonada do seu conductor possa abrir um rego de 9 a 10 polegadas de profundidade, 15 a 16 de largura, perfeitamente direito, e a leiva completamente voltada? Nós mesmos o não acreditaríamos se o não tivéssemos visto.

Foi na Trape algumas legoas distante de Paris na grande propriedade de Mr. Dahy, que tivemos occasião de, pela primeira vez, fazermos esta observação. Mr. Dahy querendo-nos mostrar a excellencia de suas charruas nos conduziu a um campo onde andavão lavrando 5; chamando o conductor d'uma das charruas o demorou por algum tempo: com bastante admiração nossa vimos os cavallos continuarem a andar e a charrua assim abandonada abrir um rego de 30 ou 40 passos de comprimento tão perfeito como d'antes. Por mais de uma vez tem sido observado por algum de nossos patricios um facto de similhante natureza, praticado nas immedições do Porto por uma charrua Francesa, e apesar da má prevenção dos operarios pouco tem deixado a desejar.

[*Communicado*]

ORDENS MILITARES.

I

Os CAVALLEIROS das differentes ordens militares formáram em antigos tempos corporações respeitáveis por sua virtude e esforçado valor; sendo então as cruzes, que hoje vemos desprezadas, adornando effeminadas casacas, exclusivo ornamento de pesadas armaduras. — Sua historia, fóra do conhecimento de muitos, pareceu-nos de adequada publicação em um jornal de leitura vulgar; e estamos por isso decididos a dar a nossos leitores uma succinta idea do principio, progresso, decadencia, e fim de todas as ordens militares Portuguezas; occupando-nos não somente das que nos restão, mas até das extinctas.

Ordem de Malta.

Pelos annos de 1048 alguns negociantes d'Amalfi, Venesa, Genova, e Pisa, edificarão em Jerusalem, uma igreja do rito Latino, a que derão a invocação de Sancta Maria Latina; e com ella instituirão um mosteiro de Religiosos Benedictinos, para nelle recolher os peregrinos, e um hospital para tratar dos doentes; tudo debaixo da direcção d'um Reitor, que foi denominado Abbade de Sancta Maria Latina. — Edificou-se tambem uma capella dedicada a S. João, de que foi primeiro Reitor Geraldo Tung, natural da Ilha de Martigues.

Em 1099 Godoffredo de Bouillon.

— — — — — il Capitano
che il gran sepolcro liberó di Christo,

tomando Jerusalem, enriqueceu este hospital, fazendo-lhe consideraveis doações; o que, sendo seguido d'outros devotos, de tal modo augmentou as rendas do hospital, que Geraldo e os seus hospitaleiros resolverão separar-se do Abbade e Religiosos de Sancta Maria Latina, e fazer uma congregação á parte debaixo do nome e invocação de S. João Baptista. — Questionase qual foi o S. João da primaria instituição. Dizem uns que foi S. João o Esmoler, natural de Chypre, e Patriarcha d'Alexandria; querem outros que fosse desde o principio S. João Baptista. Para nos não enganarmos omitimos nossa opinião, limitando-nos a aiançar que fora um S. João. —

Effeituou Geraldo a sua resolução; e em 1113 o Summo Pontifice tomou os hospitaleiros debaixo da sua protecção, confirmando as doações que lhes tinham sido feitas, e ordenando que por morte de Geraldo, fossem seus Reitores eleitos pela Ordem. Recahiu a eleição em Raimundo du Puy, que foi o primeiro que tomou o nome de Mestre, e deu uma regra aos hospitaleiros, approvada em 1120 pelo Papa Calisto 2.º Tal foi o estado primario da Ordem, sempre celebre, dos Cavalleiros de S. João do Templo de Jerusalem.

Vendo porem este primeiro Gran-Mestre que os rendimentos do hospital excedião muito a despesa que se fazia em acolher, e curar os peregrinos, julgou dever empregar o excesso na guerra contra os infieis, e com essas vistas se offereceu ao Rei de Jerusalem. Aceita que foi a offerta, dividiu Raimundo os seus hospitaleiros em tres classes: os nobres, destinados á profissão das armas para defenza da fé, e protecção dos peregrinos; os sacerdotes ou capelaens para o culto divino; e os irmãos serventes, que tambem forão applicados para a guerra. E todos assim se empregarão por longos annos, não havendo acção nenhuma celebre na historia d'aquelles tempos, em que a Cavallaria de S. João de Jerusalem não tivesse um distincto lugar. Compunha-se tambem a Ordem de sete linguas, que erão as differentes nações que nella tinham Cavalleiros. Erão estas: a de Provença; a d'Alvernia; a de França; a d'Italia; a d'Aragão, Catalunha e Navarra; a d'Alemanha; e a de Portugal, Castella e Leão. As habilitações para a entrada na Ordem e nas suas diversas classes, variavão segundo a lingua do candidato; de modo que no grau de nobresa, em que era admittido o Espanhol e o Portuguez, não o podia ser o Alemão, sendo a antiguidade do sangue, e a legitimidade do nascimento, o que constituia a categoria do aspirante. Fazião voto de castidade, pobresa, e obediencia, invocando o Todo-Poderoso, a Virgem Santissima, Mãe de Deus, e S. João Baptista. Era o seu habito uma tunica preta comprida com uma cruz de panno branco oitavada sobre o lado esquerdo. Formava uma especie de roupão de mangas largas, que vinhão estreitando até aos bocaes, e se prendião atraz, e representava (dizião elles) a tunica do Baptista. As oito pontas da cruz significavão as bemaventuranças. Pendia-lhes do hombro esquerdo um cordão tecido de seda preta e branca, onde se vião bordados os misterios da Paixão do Salvador do mundo. Na guerra usavão elles d'umas sobrevestes encarnadas e curtas, em forma de cotas, com cruzes brancas sem pontas. Fóra do convento usavão do traje da Côte.

Depois que Saladino conquistou Jerusalem, passarão os hospitaleiros para S. João d'Acre, onde se conservarão, e repellirão por differentes vezes os infieis; até que em 1291, na perda total da Terra Sancta, se recolherão á Ilha de Chypre; onde

o Rei Guy de Lusignan, que os acompanhára, lhes deu a cidade de Limisso, onde se demorarão dezoito annos. Em 1318 tomáráo aos Sarracenos a Ilha de Rhodes, depois d'um sanguinolento assedio de quatro annos, em que obráráo prodigios de valor. Nesse tempo forão chamados Cavalleiros de Rhodes, *Equites Rhodii*; sendo a investidura da Ilha dada ao Gran-Mestre, Foulques de Villaret, por Andronico, Imperador de Constantinopola. Não gosáráo porem os hospitaieiros a posse de Rhodes em uma paz continuada; pois diferentes vezes foi ella atacada durante duzentos e treze annos, em que a occupáráo. Em 1319 deffenderão-se d'um exercito Sarraceno; e com o auxilio do Conde de Saboya Amadeu 4.º conseguirão conserva-la. O mesmo lhes aconteceu em 1480, em que o Gran-Mestre d'Aubusson teve de deffende-la contra Mahomete 2.º, que por tres mezes lhe fez um rigoroso cerco. Mas em 1522, abandonada pelos principes christãos, teve o Gran-Mestre Filipe L'Isle Adam de a ceder á força de Solimão, que, á testa de trezentos mil combatentes, a tomou aos vinte e quatro dias do mez de Dezembro. De Rhodes se passáráo a Creta, e a Viterbo; e finalmente em vinte e seis d'Outubro de 1530 chegarão a Malta, que o Imperador Carlos 5.º lhes deu em feudo com o foro d'um feudo por anno. D'esta Ilha se chamáráo Malteses. Em 1798 exhalou a immortal Cavallaria de S. João de Jerusalem o seu ultimo suspiro. Napoleão na sua passagem para o Egypto toma em poucas horas a Ilha de Malta, e desfaz o ultimo asylo d'aquella tão famigerada irmandade.

Teve esta Ordem rendosissimas commendas, que ultimamente sustentavão unicamente os filhos segundos das grandes casas d'antiga nobresa. Hoje nada d'isto existe. E a lei, que em Portugal extinguiu os disimos, deu o ultimo córte n'estes ociosos modos de vida.

Foi pelos annos de 1130, em tempo de D. Afonso Henriques, que esta Ordem começou a ter voga entre nós, e tambem em Portugal chegou a ter pingues estabelecimentos; como erão o Priorado do Crato, o Balliado de Lega nas vizinhanças do Porto; e outras muitas commendas, que hoje dão só honra a seus possuidores.

O Gran-Prior do Crato era um Geral Provincial da Religião de Malta com dignidade quasi Episcopal no seu distrito, co.a jurisdicção civil e criminal nos cavalleiros residentes neste Reino, (com dependencia porem do Gran-Mestre e Convento, para onde se appellava); sem fallar na jurisdicção especial que tinha nos habitantes do Priorado, ainda que não fossem Malteses. Tinha mil privilegios, de que nada lhes resta, alem do nome, que será sempre grande em quanto nos lembrarmos dos antigos Cavalleiros do Hospital.

BELZONI.

João Baptista Belzoni, filho d'um pobre barbeiro de Padua, nasceu em 1778. Assim como outros nascem poetas, machinistas, astrónomos, elle nasceu viajante, e ainda não tinha treze annos, quando, qual outro Gil Braz, entrou em desejos de ver mundo. Abandonou pois a casa paterna, e passou a Roma, onde tomou o habito, não sabemos de que ordem religiosa. Pouco satisfeito com a vida monastica, quando as tropas francezas entráráo em Roma, largou os habitos e voltou para Padua. D'alli passou em 1800 para Hollanda, e um anno depois appareceu outra vez na Italia; porem a pouco tem-

po regressou com um irmão seu a Hollanda, onde embarcou para Inglaterra em 1803.

Sua estatura era colossal, suas formas herculeas; largo nas costas, o cabelo preto, os olhos pequenos, a physionomia aprazivel e a voz agradável. Uma joven ingleza consintiu em casar com elle e em partilhar a sorte errante e incerta d'hum homem sem profissão, sem meios pecuniarios, sem officio nem beneficio. A necessidade o obrigou a recorrer a Gram-Bretanha de povoação em povoação fazendo alarde publico dos seus conhecimentos hydraulicos, e da sua força muscular.

Este mesquinho recurso bem depressa se esgotou, e em 1812 passou com a sua mulher a Lisboa; n'esta cidade, e depois em Madrid, representou no theatro o papel de Sansão u'um baile pantomimico. Nunca o Hercules judeu se viu melhor representado.

De Hespanha se dirigiu a Malta; e havendo em dita ilha feito conhecimento com o Agente do Bachá do Egypto, embarcou para aquelle paiz com sua mulher e um criado irlandez. Em Alexandria se encontrou com a peste, e trasladando-se ao Cairo fez alli uma machina hydraulica para regar os jardins do vice-rei. Diz Belzoni na sua relação que o Bachá ficou satisfeito com o experimento; com tudo, em consequencia d'uma desgraça que aconteceu, ou porque a machina não fosse tão boa como Belzoni quer dizer, Mohamed não fez uso d'ella.

Seja isto como fôr, o viajante italiano tendo perdido o trabalho da sua tentativa, e não podendo contar com a protecção do Bachá achou-se, em circumstancias apuradas. Felizmente a Europa começou então a occupar-se das antiguidades do alto Egypto. Dous consules, ambos elles zelosos, e entendidos n'esta classe de trabalhos, Drovetti pela França e Salt pela Inglaterra, rivalizavão em fazer excellentes collecções de antiguidades. Belzoni appresentou-se ao consul inglez, e contratou com elle para tirar e levar até Alexandria o enorme busto colossal de granito vermelho, que representa o joven Memnon, e que jazia n'um areal nas margens do Nilo perto de Thebas. Vestido á turca, reuniu jornaleiros, e os fez trabalhar com toda a gravidade d'um cadí, ou d'um agá, e não fazia cerimonia em castigar corporalmente aos que faltavão á disciplina ou não executavão suas ordens. A força de paciencia, de ameaças e de habilidade conseguiu finalmente embarcar no Nilo o antigo e gigantesco monumento, e deposita-lo em Alexandria. D'alli foi levado a Inglaterra e collocado no Museu britannico de Londres como um dos ornamentos mais curiosos d'este edificio.

Depois d'isto Belzoni visitou muitos templos, viveu com os Arabes nas cavernas dos valles, e na entrada das catacumbas, examinou centos de mummies. Passado algum tempo subiu pelo Nilo acima até os confins da Nubia para desenterrar o soberbo templo de Ipsambul cuberto por um monte de aréa. Grandes forão as difficuldades que teve em lutar com um povo composto de gente barbara, porem depois de mil obstaculos conseguiu a honra de ser o primeiro que penetrou n'um monumento erigido talvez á memoria do grande Sesostria.

O viajante italiano auxiliado com o dinheiro que recebia de Mr. Salt, e da casa ingleza de Briggs em Alexandria, se dirigiu a Beban-el-Maluk, ou o Valle dos sepulcros dos reis. Com aquelle tino que havia adquirido no Egypto, chega, depois de muito trabalho, a descobrir a entrada d'um sepulcro desconhecido. Entra n'um ex-

tenso subterraneo, atravessa um fosso, penetra pela abertura d'uma parede, e chega á salla do sepulcro, no meio da qual estava um sarcophago de alabastro, d'uma pedra chamada *aragonita*, adornado com primorosos lavores de cinzel. Belzoni, apoiado no voto do orientalista inglez Young, julga que este sarcophago guardou em outro tempo os ossos do rei Psamutisio. Mr. Champollion opina que é o sepulcro do rei Ousirio, filho de Ramses I. O que podemos assegurar é que este sarcophago foi vendido depois por Belzoni em Londres por vinte mil cruzados ao architecto sir John Soane.

Havendo voltado ao Cairo passou a visitar as pyramides, e descobriu a entrada da segunda, que é a de Cefrenes, e penetrou até a salla sepulcral onde achou um sarcophago com alguns ossos de boi descobrimento importante, que não deixa duvidas acerca do destino d'aquella pyramide. Herodoto, que tinha assegurado que não servia de sepulcro, tem sido refutado d'uma maneira decisiva pelo viajante italiano; e os constructores das pyramides que erão tidos pelos homens mais sábios da antiguidade, não podem deixar de ser olhados como puerilmente supersticiosos.

Todos os estrangeiros residentes no Cairo são visitar a pyramide, inacessivel pelo espaço de tantos seculos. Belzoni recebia a todos com a maior urbanidade fazendo as honras da sua pyramide como se fosse a sua propria casa.

Depois de tamanhas empresas foi para elle um recreio desenterrar na illa de Philoe ou Filea, duas leguas de Syene, um obelisco cujo fuste tinha 22 pes de comprimento, e dous de largura na base. Porem o que caracteriza a temeridade d'aquelle viajante, é que se atreveu a meter o obelisco n'um barco, e passar pelas cataratas do Nilo, até Alexandria. Este monumento interessante está hoje na residencia de Mr. Bankes, que foi quem pagou as despezas todas, em Kingston-Hall no condado de Dorset em Inglaterra. (*)

Os agentes do consul francez Drovetti não podião ver sem inveja a gloria de Belzoni, e houve occasião em que tratáram de o assassinar. Desgostoso resolveu ultimamente sair do Egypto, e em 1819

(*) Um modelo d'este obelisco existe no Museu do Sr. Allen cuja descripção fizemos no numero antecedente. A inscripção grega que tem na base a julgamos digna do conhecimento dos nossos leitores, e por isso damos aqui a sua traducção. Quem desejar ter idea dos templos e edificios d'esta illa em outro tempo tão florecente, e hoje miseravel guarida d'alguns poucos pobres habitantes, pode consultar o vol. I da grande obra feita pelos sábios que acompanháram a expedição do exercito francez ás ordens de Bonaparte ao Egypto.

Ao Rei Ptolomeu, e á Rainha Cleopatra sua Irma, e á Rainha Cleopatra sua Esposa — Deidades beneficicas, — os Sacerdotes da Maxima Deosa Isis em Abatús e Philoe, saúdaõ.

Por quanto os Generaes que d'ora em quando residem em Philoe, e os Magistrados de Thebas, o os Escrivães Reaes, e os Officiaes das Conductas, e os outros Secretarios e Autoridades que os acompanhão, e o resto do seu Sequito, obrigação-nos contra vontade nossa a ministrar-lhes nossos serviços, e deste tratamento resulta que o Templo soffre prejuizo, e corremos o risco de perdermos as libações que por vós e vossos filhos se fazem: nós vos rogamos, poderosissimas Deidades, que se bem vos parece, mandeis a vosso parente e secretario Nunezio que escreva aos seus Collegas e aos Generaes da Thebaida, para que não nos molestem nestes casos e não consentão que outros o fação; e que demais nos dem os emolumentos correspondentes ás suas pessoas, com os quaes nos seja permitido elevar um Pillar no qual inscrevamos o beneficio que neste negocio nos conferistes, para que sua memoria seja nelle perpetuado a todos os seculos. E se isto nos for concedido, receberemos mercê assim nestas cousas como no que diz respeito ao templo de Isis.

voltou a Europa, e se dirigiu a Padua, depois de 20 annos de ausencia. Presenteou ao povo do seu nascimento duas estatuas com cabeças de leão, as quaes forão postas de ordem da Camara no tribunal ou palacio de justiça, e em honra e recompensa d'um cidadão que acabava de illustrar-se com as suas viagens, mandou-se cunhar uma medalha com o nome do presente.

Sendo Padua theatro muito pequeno para o espirito activo e emprehendedor de Belzoni, voltou com a sua mulher a Inglaterra, onde foi recebido como se fosse filho da Gram-Bretanha. Em 1820 publicou a relação dos seus recentes descobrimentos com um Atlas. Fez algumas viagens a Paris; passou d'alli á Russia, e voltou outra vez a Inglaterra. Em 1822 saiu com animo de viajar pelo interior da Africa e com intenção de penetrar até Timbuctu, objecto de tantos esforços malogrados, sem ser auxiliado por nenhum governo nem sociedade. Desembarcou em Tanger, acompanhado de sua mulher; mas não podendo vencer os obstaculos promovidos pelos traficantes Mouros e Judeus, embarcou em Mogador e se dirigiu ao cabo Coast-Castle. Em outubro de 1823 saiu para as bocas do rio Benin; e havendo encontrado um negro de Kashna que tinha servido de marinheiro na fragata ingleza Oweu Glendower, ajustáram viajar juntos até Hussa. Belzoni foi bem recebido pelo rei de Benin; e tudo parecia favorecer sua empreza, quando se viu atacado d'uma disenteria, que poz fim a sua vida tendo só 45 annos de idade no dia 3 de Dezembro de 1823, n'um lugar chamado Gato, no reino de Benin. Foi enterrado ao pé d'um alto platano na beiramar, com uma salva dada pelos navios inglezes. Não podendo escrever a sua mulher mandou que lhe entregassem um anel de amethista que trazia no dedo.

A morte de Belzoni foi geralmente sentida em Inglaterra; e em Londres se abriu uma subscripção a favor da viuva. Esta vivia ultimamente em Bruxellas em bem tristes circumstancias; porem o interesse que Lady Morgan tomou por ella nos faz pensar que melhorasse a sua sorte.

CÃES CONTRABANDISTAS.

A EXTREMA vigilancia e perfeita organisação dos corpos de Guardas d'Alfandega em França, tem dado nascimento entre os contrabandistas a quantos inventos sua sagacidade lhes tem podido suggerir. De todos os meios que se tem posto em pratica para illudir os regulamentos fiscaes, o emprego de cães como *passadores* de contrabando é o mais curioso.

Data este astucioso systema desde o anno de 1823. Os primeiros ensaios forão feitos nas vizinhanças de Valenciennes. Diz-se que houve á nessa cidade um contrabandista que tendo um cão d'agua felpudo, lembrou-se de o rapar, embrulhar-lhe renda prohibida á roda do corpo, e depois vestir-lhe uma pelle que lhe dava sua apparencia natural. Com este cão em sua companhia passou repetidas vêzes a raia da França e Belgica, e de cada vêz introduzia no paiz uma porção de renda. Foi a final descoberto seu engenhoso estratagem, mas sua divulgação por entre o publico teve por immediato resultado a creação de numerosos imitadores. Dunquerque e Chareville, Thionville, Strasburgo, e Besanção, não tardáram em oferecer dignos emulos do primeiro inventor do contrabando canino.

Calcula-se que a quantidade de fazendas que por dous cães ensinados ao contrabando eludirão o pagamento de direitos, somou

em 1823	200.000	arrateis
— 1825	374.630	—
— 1826	4.200.000	—

O termo medio da carga de cada cão são 5 arrateis; ha cão que leva 20 arrateis; e alguns podem com 24. As fazendas que fazem o objecto do emprego destes extraordinarios agentes, são peia maior parte tabaco e mais productos coloniaes, fio d'algodão e seda, e artefactos dos mesmos. Tem havido apprehensões de cães, sobre os quaes se tem encontrado o valor de 100 mil reis — e as vèzes 200 mil reis. Outras vèzes os cães empregão-se como agentes politicos, e levão papeis e impresos incendiarios, ou hostis ao governo.

E' claro que a vigilancia dos agentes fiscaes deve produzir grande desfalque no numero dos cães contrabandistas. Districtos há em que de cada 10 cães é 1 interceptado; em outros prende-se de 20, um; mas é evidente que nestes dados reina muita incerteza. A opinião geral dos officiaes d'Alfandegas, é que de cada 75 apenas se intercepta um.

Os cães destinados a estas praticas illegaes são industriados de varios modos. O mais usual é fazê-los praticos com o caminho entre os dous pontos que devem transitar, e depois levá-los áquelle lugar donde devem partir. Aqui não se lhes dá de comer por muitas horas, e demais espanção-se e maltratão-se. Depois desta previa disciplina carregão-se, e ao cahir da noute, soltão-se. Dirigem-se elles em direitura, e com prestêza para suas cazas, que podem distar 2 a 3 legoas. Logo que chegão são alliviados de suas cargas, e recebendo uma abundante ração são bem tratados e acarinhados. Depois de algumas poucas jornadas é escusado maltrata-los no lugar da partida.

Estes cães são animaes de grande marca, e como atravessão o paiz pelos caminhos mais curtos, fazem grandes estragos nos campos. O canção e as fomes que soffrem, junto com as perseguições que experimentão da parte dos lavradores e dos agentes fiscaes, fazem os muitas vèzes danar; e neste caso, como vivem em matilhas, são dobradamente perigosos. Uma parte do seu ensino é o conhecimento e o ataque dos guardas d'Alfandega; estes, de sua parte, industrião outros cães no ataque e perseguição dos seus collegas contrabandistas. Mas estes são resguardados por uma armadura de couro preparado, que ao tempo que resiste ao chumbo e ás balas de pequeno adarme, offerece pouca prêza aos dentes e ás garras de seus adversarios.

O contrabando por meio de cães chegou ao auge de excitar as serias attentões do Ministro da Fazenda de França em 1831; quando se publicarão muitos documentos officiaes a este respeito.

PARABOLA VII.

THAMYRIS.

ENTRE os discipulos do divino Platão havia um poeta, joven, dotado de engenho fertil, e de talento superior. As suas composições erão admiradas de todos aquelles que as ouvião, e a Grecia esperava ver n'elle outro Sophocles e Pindaro.

Porem os louvores da multidão o enchêrão de orgulho, de sorte que fallava com o maior despre-

zo de Hesiodo e de Æschylo e d'outros afamados mestres de poesia.

Affligiu-se com isto o divino philosopho, e desejou de curar o animo do mancebo presumptuoso. "Farei nisto á minha patria, disse elle, um serviço mais importante do que se lhe desse uma provincia: porque a sagrada arte da poesia foi concedida ao homem para o sublimar ao ceu: não é porem propriedade de almas egras."

N'uma tarde da primavera quando Platão passeava no jardim de Academo, o joven poeta chegou-se ao philosopho, e disse; "O meu poema está quazi acabado; a Grecia o ha-de admirar, e me ha-de coroar com uma grinalda de louro immarcessivel."

"Dar-te-hei o parabem, respondeu Platão, quando vir que conseguiste o que esperas."

"E como pôde deixar de assim ser?" replicou promptamente o mancebo.

Então disse Platão: "Como o dom da poesia, meu amigo, procede dos deuses, tambem delles procede o exito favoravel. Com tudo parece que tu pensas mais em ti mesmo do que nos deuses."

Poeta. Sinto a divindade em mim mesmo.

Platão. Melhor fora que tu te sentisses na divindade.

Poeta. Não é isso a mesma cousa?

Platão. De maneira alguma. Porque fallas de ti mesmo, e confias unicamente em ti, e no teu proprio poder. D'outra sorte nada dirias de ti; e poeta serias. Tu não aspiras senão aos louvores da multidão. O sagrado, meu amigo, deve ser preferido ao terrestre.

Poeta. Não posso comprehender-te Platão.

Platão. Fallar-te-hei valendo-me das palavras do pae dos bardos e dos vates. Ainda que pelo que ouço, não queres conceder que seja inimitavel, com tudo é mais velho, e é o dever dos mancebos escutar os anciões.

Poeta. Concedido — posto que nunca o considere como modelo d'excellencia superlativa. Porem continuae.

Platão. Ainda que tão antigo, elle nos dá muitas lições de sabedoria que tu não has de desprezar. Ouve uma d'ellas.

Platão conduziu o mancebo para uma casa de fresco cuberta de fragantes flores: assentãrão-se, e o philosopho fallou nos seguintes termos.

"Thamyris, o afamado bardo da Thracia, foi visitar a Eurytos, rei d'Æchalia, que generosamente o recompensou pelos seus cantos, e fez-lhe todas as honras devidas a um filho das Musas. Porem os louvores do monarcha, e sua munificencia produzirão no animo do bardo um effeito pernicioso. Cheio de vaidade pelo seu talento, gabou-se em alta voz de que ninguem, nem as mesmas Musas, erão capazes de competir com elle no canto.

"As Musas, que n'aquelles tempos nabitavão entre os mortaes, encontrarão-no e castigarão sua presumpção, privando-o da vista, e ai! privarão-lhe tambem o dom celestial do canto e da arte de tirar maviosos sons da sua lyra.

"Como, perguntou o mancebo, podião os deuses ser tão contradictorios destruindo n'elle o que haviam concedido ao bardo?

"Não forão elles, replicou Platão, senão elle mesmo quem o destruiu. Com a sua presumpção começou sua cegueira e seu castigo.

"Porem ouve, continuou o philosopho, o que a antiga tradição accrescenta a esta historia. — As Musas não destruirão o que era divino; fizêrão que a alma de Thamyris passasse a um rouxinol.

Ouves tu como canta n'aquelle bosque de platanos? — Não conheces o predilecto das Musas? Sua figura é simples, e sem atavios: occulta-se na espessura do arvoredo e prefere o silencio da noute para encher o ar com os seus gorgeios melodosos, sem saber que n'elle está encerrada a alma de Thamyris.

Platão cessou de fallar, e escutou o canto do rouxinol. O mancebo levantou-se e deixou o divino philosopho com animo irritado; e desprezando os preceptos da Natureza, nunca mais voltou aos jardins de Academo.

Mas o nome d'este mancebo não se conservou entre os nomes dos bardos da Grecia.

Pegadas Anti-diluvianas. Numerosas pegadas de quadrupedes descobriram-se ha cousa de dez annos n'uma camada de pedra arenosa vermelha perto de Lochmaben, no condado de Dumfriesshire, de 60 a 70 pés de baixo da superficie da terra. O professor Buckland foi de opinião, depois de ter examinado as pegadas, que ellas foram produzidas pelos pés de uma tartaruga ou crocodilo, quando o rochedo era uma materia branda, e antes de que esta materia fosse cuberta pelos 60 ou 70 pés de camada sólida.

No n.º 10 do Museu quando demos conta da obra traduzida pelo Sr. *Freire de Carvalho* dissemos: que teriamos folgado ver a traducção do Romance do Cid que se encontra no original. O dito Sr. fez-nos o obsequio de nos remetter a dita traducção que damos aos nossos leitores porque d'isso a julgamos digna.

ROMANCE DO CID CAMPEADOR.

Victorioso volve o Cid
A San Pedro de Cardenha
Das guerras, que sustentára
Contra os Mouros de Valença.

Ouvem-se os sons das trombetas,
Dando aviso que já chéga,
E entre elles sentir se fazem
Os relinchos de Babieca.

O abbade, e monges á porta
Correm présto a recebê-lo,
Entoando a Deos louvores,
E ao Cid parabens sem termo.

Apéou-se do cavallo,
E antes de entrar na Igreja,
Tomou nas mãos o estandarte,
E por tal guisa se expressa:

„ Sabei de ti, Templo Santo,
Desterrado dos meus lares;
Mas, accollido de extranhos,
Hoje volto a visitar-te.

„ Desterrou-me elRei Affonso
Por lá em Santa Gadéa
Lhe tomar o juramento
Com mais rigôr, que quizera.

„ Taes erão as leis do povo,
Fiel as cumpri inteiras;
Pois, como leal Vassallo,
Livrei meu Rei de suspeitas.

„ Castelhanos invejosos,
Qual mal pagais a defenza,
Que em minha espada tivestes,
Alargando a vossa terra.

„ Outro reino, e mil fronteiras
Vos trago aqui conquistadas;
Pois, bem que expulso das vossas,
Dar-vos quero as que eu ganhára.

„ Dizel-o a estranhos podera;
Mas para cousas tão feias
Sou Rodrigo de Vivar,
Castelhano ás direitas „

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor do *Museu Portuense*.

O AMOR que sempre tive, e tenho a tudo o que he Portuguez, e o desejo de illustrar este nome, se tanto coubesse na minha possibilidade, me obrigou a escrever a brevissima *Nota*, que levo ás mãos de V. Se ella merecer alguma attenção, poderá ser inserida no *Museu Portuense*, sem com tudo levar o meu nome, que de certo lhe não dará merecimento algum, se ella de si o não tiver.

Deos guarde a V. Lisboa 22 de Dezembro de 1838.

(*)

Nota ao artigo, Surdo-Mudos, publicado no N.º 4.º do Museu Portuense de 15 de Setembro.

Chegando á nossa mão o num. 4.º do *Museu Portuense*, e lendo nelle o artigo *Surdo-mudos*, não podemos deixar de sentir, que falando-se ahí com o devido louvor do abbade L'Epée e do abbade Sicard pelo zelo, que mostrarão em promover e propagar, nos nossos tempos modernos, a utilissima e humanissima arte, de que trata o artigo; se omittisse totalmente o nome do benemerito Portuguez *Jacob Rodrigues Pereira*, que sem duvida (a nosso parecer) foi o primeiro, que em França, e em Paris, pelo meio do seculo passado, a exercitou com publica utilidade.

Já no *Jornal Medico-Cirurgico*, e *Pharmaceutico* de Lisboa, publicado pelo Senhor *J. J. Viana de Rezende*, no num. 3.º do mez de Março de 1835, vindicou o Sr. Rezende para o nosso compatriota a qualidade de *primeiro instituidor dos surdo-mudos na França*, dando-nos na sua erudita nota conhecimento da naturalidade, e dos principaes factos da vida do illustre Portuguez.

No num. 4.º do mesmo Jornal, publicado no mez de Abril de 1835, teve tambem o Sr. Rezende a condescendencia de inserir o *additamento*, que lhe enviamos sobre o mesmo objecto, no qual unicamente se continha o honroso testemunho, que a Academia R. das Sciencias de Paris tinha dado do merecimento de Pereira, na sua Historia dos annos de 1749 — 1751; o testemunho de Mr. de Buffon na sua *Hist. natur. do Homem*; e o do douto *Andrés*, na *Hist. de toda a Litteratura*.

Já se vê pois, que o nosso *Jacob Rodrigues Pereira* tinha algum direito a ser recommendado no *Museu Portuense* como benemerito da patria, das Letras e da humanidade, e commemorado com anterioridade aos abbades L'Epée, e Sicard, que por ventura delle tomáram exemplo, e estimulo para se dedicarem a tão nobre emprego.

(*) Attendendo ao que de nós se exige, máo grado nosso, occultamos o nome do erudito litterato, tão conhecido pelas obras que tem publicado como por sua eminente posição social, que nos honrou com sua correspondencia; á qual lhe gostosamente damos inserção nas columnas do Museu.

Aproveitamos a occasião para declarar que o Manuscrito a que alludiu nosso estimado correspondente = Um Filho de S. Bento = em sua carta inserta no N.º 9 deste periodico, é o Codice que com o N.º 304 se via ha annos na Bibliotheca do Mosteiro Cisterciense d'Alcobaça. Subsiste com tudo o theor da nossa nota em quanto á existencia d'um similhante M. S. na Bib. Publica Portuense.

Em uma obra franceza (que temos á vista) impressa em Paris em 1776, com o titulo "*Institution des Sourds et muets par la voie des signes methodiques*, em 12^o, sem nome de autor, mas que conjecturamos ser do proprio abbade l'Épée, a pag 6 se diz

„ *Mr. Ernaud, Mr. Pereira, Portuguez, e*
 „ *Madama de Santa Roza*, religiosa da Cruz,
 „ forão os primeiros, que no nosso seculo se
 „ applicarão á instrucção dos surdo-mudos, sem
 „ terem concertado entre si o plano de suas
 „ operações . . . &c.

O escriptor francez, mais amigo da sua nação do que nós, ás vezes, parecemos ser da nossa, põe em primeiro lugar a *Mr. Ernaud*, postoque logo diz "*que o não conhecera nem a nenhum dos seus discipulos, e que somente soubera de pessoas instruidas, que elle satisfazia mui bem o cargo que havia tomado.*"

Não he nosso animo tirar a *Mr. Ernaud* o merecimento da prioridade, se realmente lhe compete. Sómente notaremos aqui (porque nos parece digno de notar-se) que nem a Academia R. das Scienc. de Paris, nos annos que já dissemos; nem os sabios *De Mairan, De Buffon, e Ferrein*, que a informarão sobre os progressos de hum novo alumno de *Pereira*; nem o mesmo *De Buffon* na *Hist. nat. do Homem*, dando honrosos testemunhos de approvação e louvor á arte, que *Pereira* exercitava desde 1746, dissessem huma só palavra ácerca de *Mr. Ernaud*. Ainda mais: que o Rei de França Luiz 15, depois de ter ouvido, e interrogado os discipulos de *Pereira*, honrasse este illustre Portuguez em 1751 com huma pensão de 128:000 rs. annuaes; que passados quatorze annos, em 1765, lhe fizesse a nova graça de o nomear seu *Interprete*; e que em todo este tempo não apparecesse *Mr. Ernaud* a vindicar a sua preferencia, ou ao menos a solicitar as mesmas approvações e premios: e que só muito depois fosse "premiado, e tratado pela Academia, como inventor", seguindo-se d'aqui grande emulação entre os dous rivaes" como refere o Sr. Vianna de Rezende na sua citada nota.

Como quer que seja: no cap. 2. desta mesma obra se faz menção do *Programma* publicado por *Pereira* em 1751, sobre o methodo do seu ensino; e no cap. 3. se diz que *Pereira* e os seus discipulos lhe davão a denominação de *Dactylogia*.

O escriptor francez emenda o nome, e julga melhor que se diga *Dactylotalia*; e em quanto ao methodo (que aliás confessa não lhe ser bem conhecido) pretende refuta-lo em toda a obra, mostrando a cada passo o ciume que (a nosso parecer) lhe causava o credito de *Pereira*, e com tudo reconhecendo, que entre os discipulos do illustre Portuguez "*se achavão alguns em estado de compôr obras*" e que "*Mr. de Sabouveau de Fontenai, surdo-mudo de nascimento, e hum dos alumnos de Pereira, daria disto completa demonstração, se fizesse imprimir as suas proprias produções.*"

Isto he o que nos pareceo notar em additamento ao art. do *Museu Portuense*, sujeitando com tudo esta brevissima memoria á censura e juizo do Sr. Redactor. Lisboa 20 de Dezembro de 1838.

Segundo Lavoisier a quantidade de oxygeno, ou ar vital, n'um theatro, vae diminuindo na proporção de 27 a 21, ou perto d'uma quarta parte, desde o principio até ao fim do divertimento, e na mesma proporção é menos proprio para a respiração.

CEGOS DE NOUTE.

O BISPO inglez Heber, que morreu ha poucos annos na India, no seu Diario das viagens que fez por aquella parte de mundo conta o seguinte caso.

"Quando voltamos pela cidade, um homem pediu uma esmola dizendo que era cego. Havendo-o chamado, veio tanto em direitura para os archotes, e via, na minha opinião, tão claramente, que não pude deixar de lhe perguntar porque mentia. Respondeu-me então que era cego de noute (*rat unda*); e eu não entendendo a frase, e cansado de dar esmolas todo o dia, disse algum tanto de mau humor: "A escuridão é o tempo para dormir e não para ver." Os que estavam presentes rirão-se como se eu tivesse dito uma graça; porem depois senti muitissimo ter dado uma resposta tão dura. A doença de *cegueira nocturna*, isto é, a necessidade de toda a luz do dia para ver é mui commum entre as classes baixas na India, e de grave inconveniente para os soldados. O homem que pediu a esmola veio em direitura para nós em consequencia das luzes dos archotes, e guiado tambem pelo som das vozes dos que fallavão.

Os Cipayas ou Sepoys attribuem isto ao mau e pouco alimento; e dizem que a doença prevalece mais nos annos de miseria. Parece ser a mesma doença dos olhos que sofre o povo que se alimenta de arroz inferior, comida de pouco sustento, e provavelmente procede de debilidade nos orgãos da digestão.

A pedra philosophal. Mahomet Bey, rei de Tunis, tinha a fama de conhecer a pedra philosophal. Destronado pelos seus subditos, voltou novamente ao poder com os auxilios dados pelo Dey de Argel, com a condição de que lhe havia de communicar o segredo. Mahomet, para cumprir a sua promessa, mandou um arado com grande pompa e cerimonia, fazendo lhe saber ao mesmo tempo, que a *agricultura* é a força d'um reino, e a única pedra philosophal, pois dá uma abundante colheita, que logo se converte em ouro.

Longevidade extraordinaria. O seguinte extracto das listas da População do imperio Russo, apresenta maior numero de casos de extensa velhice, do que provavelmente se tem visto antes n'um periodo igual de tempo, em parte nenhuma do mundo.

A. D.	Mortos de idade mais de 100 annos	Acima de 105	Acima de 110	Acima de 115	Acima de 120	Acima de 125	Acima de 130	Acima de 140	Acima de 150!!
1822	82	288	167	96	64	31	18	4	1
1823	86	292	142	73	42	22	12	2	—
1824	92	330	193	127	73	23	13	4	—
1825	56	154	56	30	32	4	—	—	—
Total	3173	1064	538	326	211	80	47	10	1

Total geral de todas as pessoas de mais de 100 annos . . . 5470!

Velocidade das rodas movidas por agua durante a noute.

As noções populares sempre devem ser objecto de curiosidade e interesse para as investigações d'um philosopho, quer estas noções estejam baseadas na observação, quer com a superstição confundidas. Se nos paizes illustrados como a Inglaterra, a França, os Estados Unidos da America, onde os meios de adquirir instrução estão ao alcance das classes mais pobres da sociedade, ainda reinão prejuizos ridiculos, deve causar admiração que na peninsula Iberica haja entre o povo outros prejuizos iguaes ou talvez maiores e mais numerosos. Campo vasto era este para entrarmos em muitas reflexões; porem como ellas nos poderião levar muito alem do que nos propomos, limitar-nos-hemos a um caso particular e diremos, que entre um grande numero de moleiros dos Estados Unidos da America existe ainda o prejuizo de que as rodas dos moinhos se movem mais velozmente de noute que de dia. Ao mesmo tempo não ha entre elles um que seja capaz de dar uma razão satisfactoria que explique esta differença no movimento. Todos os argumentos em contrario tem sido inuteis; o prejuizo é superior á razão. Com animo de convencer os moleiros o professor Cleveland fez experimentos os mais minuciosos tanto de dia como de noute em diversas horas, observando sempre a temperatura da agua, e em todas as occasiões achou que a roda revolia sobre o seu eixo exactamente 96 vezes n'um minuto em todas as horas, sendo a profundidade da agua sempre igual nos diversos experimentos. Os moleiros reconhecerão que o experimento era exacto, porem ainda não ficarão inteiramente convencidos, pois dizião que n'uma noute em que o ceu estivesse nublado havia de ser differente.

E' um facto curioso que a agua fria dissolve mais do que a quente. A agua aos 32 graus, pouco mais ou menos, dissolve 11 grãos de cal; aos 60 graus, somente 9 ou 10; e no ponto de fervura de 5 a 6 grãos. Isto parece que depende d'alguma propriedade mechanica das particulas da cal; — as particulas se unem mais nas altas temperaturas.

RECEITAS

A receita seguinte para a picadella d'uma vespa ou abelha, é melhor e mais prompta do que a que se acha no Museu de 15 de setembro.

Logo que a vespa pica, esfrega-se com uma mosca sobre a picadella; a dor acaba no mesmo momento, e não sobrevém o menor signal d'inflamação.

Receita para curar da esgana os cães de caça, e d'agua.

Tartaro emetico — 1 grão dissolvido em uma gema d'ovo.

Logo que se conhecem no animal os symptomas da esgana lança-se-lhe pela boca esta dissolução, com a que elle vomita, e dentro em pouco tempo fica perfectamente livre da molestia.

(Communicadas.)

Pós para pulir os Espelhos ferrugentos.

Para dar ao vidro um lustre exquisito deve preferir-se o colcothar de vitriolo (*caparrosa calcinada*) á potéa (*estanho calcinado*.) Para se conhecer o colcothar deve-se pôr um pouco d'elle na boca, e se se dissolve inteiramente é bom; porem se se introduz entre os dentes, e se nota alguma aspereza é prova de que não é bom por não estar bem moído. O bom colcothar de vitriolo deve ser d'um vermelho vivo ou de purpura subida, muito suave e oleaginoso quando for esfregado entre os dedos.

Sello inviolavel.

Uma carta, fechada com a clara d'ovo, não se pode abrir com o vapor da agua a ferver, como quando se fecha com uma obrea, pois o calor serve de augmentar a sua firmeza.

Tendo alguns Assignantes dos Quadros Historicos do Sr. Castillo, manifestado ao Administrador da Typographia Commercial desejos que fossem passados pela Prensa Hidráulica os numeros já publicados d'aquella interessante obra, o Administrador faz saber ás pessoas que quizerem aproveitar esta occasião para o mesmo fim, os queirão enviar á dita Typographia, sita no largo de S. João Novo N.º 12.

Adverte-se mais, que a Typographia tem variedade de typos, prelos grandes modernos e de muita força, um sortimento de papel de varias qualidades, côres e tamanhos, um empaquetador, ou apertador, uma prensa hidráulica para setinar o papel depois de impresso como se usa nas obras que saem dos prelos estrangeiros, e como se pode ver na 2.ª Edição do Codigo Commercial Portuguez, no Roteiro de D. Vasco da Gamma, ultimamente publicado, e em outras muitas obras.

Não só os autores que imprimirem as suas obras na Typographia Commercial, porém aquelles mesmos que as imprimirem em qualquer outra imprensa, poderão utilizar-se da prensa hidráulica, tratando previamente com o Administrador. Tudo por preços muito razoaveis.

Errata essencial.

Na nota da pagina 153, onde diz a parte interior d'este edificio, deve-se ler a parte exterior d'este edificio.

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE:

LARGO DE S. JOÃO NOVO N.º 12. 1839.